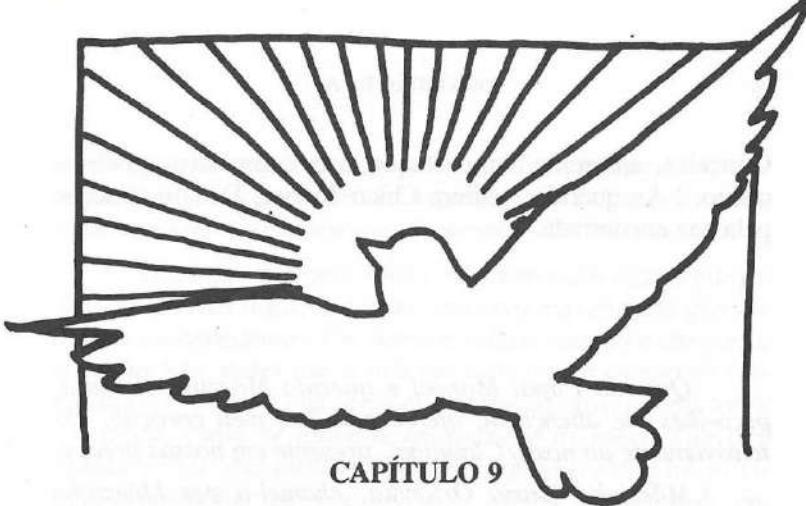


Carlos Alberto Gonçalez



“PEÇO-LHES NÃO DESPREZAREM A MOTO QUE ME FEZ O VEÍCULO DA VIAGEM FINAL”

Carlos Alberto Gonçalez era um apaixonado e grande defensor de motos. Sempre mudando de máquina, para melhor e mais sofisticada, já estava com a sua oitava moto, quando foi acidentado fatalmente.

A pancada na cabeça, decorrente de uma derrapagem com a moto, numa das ruas da Capital paulista, onde residia, pareceu sem maior importância aos médicos, na primeira consulta. Porém, o quadro clínico evoluiu desfavoravelmente, e na manhã do dia seguinte, 31 de março de 1985, desencarnou num hospital de Tatuapé.

Em sua primeira e confortadora carta mediúnica, quase cinco meses após o desenlace, rica em esclarecimentos, não se esqueceu de defender as queridas motos, pedindo aos pais para não desprezá-las, argumentando que são veículos tanto respeitáveis quanto os outros.

A bela e colorida mensagem impressa pela família

Gonzalez, apresenta, em destaque, este expressivo agradecimento: "Ao querido médium Chico Xavier, Deus o abençoe pela paz encontrada."

Querido Papai Manoel e querida Mãezinha Lândia, peço-lhes me abençoe, oferecendo-lhes meu coração, extensivamente ao nosso Claudinei, presente em nossas preces.

Mãezinha Maria Orlândia, chamei-a por Mãezinha Lândia para recordar os meus dias de criança, quando balbuciava as palavras sem aprender-lhes o sentido integral.

Querida Mamãe e querido Papai, vou seguindo muito bem, apesar das saudades que se ampliam ao invés de sofrerem qualquer diminuição.

Não se impressionem com o choque sofrido por mim, com a queda inesperada de nossa máquina que me servia tanto. Quem sabe a causa de um acidente daqueles? Às vezes, uma simples pedra na via pública, de outras, algum pedaço de madeira esquecido ao leu... Não posso culpar a ninguém.

A moto caiu por inteiro atirando-me a cabeça ao piso de cimento, e de nada mais soube senão que um torpor invencível me tomou os pensamentos e por mais desejasse levantar-me para tomar a minha posição normal, isso não mais me foi possível, e por segundos, à maneira de relâmpagos derradeiros na memória, revi a família na imaginação superexcitada.

Depois da queda, veio aquele branco, no qual não sei se adormeci ou se desmaiei. Acordei, depois de muito tempo, creio eu, durante o qual estive inerte e incapaz de qualquer

discernimento. Muito aos poucos, senti-me no corpo, à maneira de alguém que regressa vagarosamente à própria casa, e não consegui expressar-me, de pronto.

Notei que os meus olhos se retomavam nas órbitas e que, em minha boca, a língua ensaiava movimentos que me demorei a coordenar. Um homem velava comigo e cheguei a reconhecê-lo, antes que a fala me voltasse ao campo da manifestação. Era o Vovô Manoel que me passava a mão sobre a cabeça, como se quisesse restituir-me às idéias claras e exatas. Penso que durante dois dias seguidos estive nessa vigília-sonolência, até que consegui dirigir-me ao avô, em cujo olhar brilhava o carinho que eu conhecia tão bem.

Respondeu-me com paciência às primeiras indagações, informando-me que o meu corpo habitual repousava na sucata de engenhos estragados, e que meu corpo novo era o verdadeiro, aquele que modelou a minha forma que o acidente consumira.

Chorei ao pensar que me via à distância dos pais queridos e dos queridos irmãos Claudinei e Luciene, distante de nossa Rose, a quem havia prometido a felicidade. Meu avô confortou-me esclarecendo que eu poderia auxiliá-los de outro modo e que nem tudo se perdera.

Logo após o meu despertamento, a Vovó Ana Gimenez veio ter conosco e assumiu as obrigações de enfermeira maternal, em que a vejo até agora.

Mãe querida e querido Pai, aqui não me falta medida alguma referente às minhas necessidades, pois os meus avós adivinham meus pensamentos.

Tenho ido à nossa casa, onde procuro transmitir à Mãezinha Orlândia a força necessária para aceitar os fatos tais quais são e espero que a Mãezinha e os irmãos me auxi-

liem a ser corajoso e forte, superando quaisquer impulsos de lamentação ou agressividade que ainda me afloram a cabeça. Noto que melhoro à medida em que procuro aderir às idéias de paciência e serenidade que o vovô Manoel me ensina a cultivar.

Mãezinha, as saudades são muitas, no entanto, serão elas contornadas por nós, a fim de que as vençamos, de modo definitivo.

Agradeço todos os seus pensamentos e preces, em favor de seu filho acidentado e creia que tudo isso me faz imenso bem, porque as suas orações emanam e passam por mim ao modo de bálsamos que me consolam e fortalecem.

Peco-lhes não desprezarem a moto que se me fez o veículo da viagem final. A pobre máquina fez o que pôde para conservar-me na direção, qual se fosse dotada de inteligência, mas não conseguiu sustentar-me no lugar certo.

Muitas vezes ouvi depreciações em torno de motos preciosas e hábeis, qual se fossem responsáveis pelos maus momentos dos que as montavam; no entanto, a moto é um veículo respeitável tanto quanto os outros.

Papai Manoel, perdoe-me se lhe causei alguma deceção, pedido esse que estendo à Mãezinha Orlândia, por quanto, se dependesse de mim, aí estaria, para juntamente de nossa querida Rose, oferecer-lhes netos inteligentes e lindos, mas os Desígnios da Providência Divina eram outros, diferentes dos meus ideais de rapaz nascido para a família e espero que a conformação esteja conosco.

Queridos pais, abraço ao nosso Claudinei, presente, e a nossa Luciene, a nossa Rose e a todos os nossos amigos do

coração e, desejando-lhes a paz da Bênção de Deus, com muito afeto e reconhecimento, sou o filho agradecido que não os esquece, cada vez mais afetuosaamente,

*Carlos Alberto.
Carlos Alberto Gonçalez.*

Notas e Identificações

1 - Carta psicografada em Uberaba, Minas, a 17/8/1985.

2 - *Papai Manoel e Mãezinha Lândia* – Casal Manoel Trajano Guilhen Gonçalez e Maria Orlândia Gonçalez, residente à Rua Hiroshima, 95 - Jardim Japão, São Paulo, SP.

3 - *Claudinei* – Claudinei Gonçalez, irmão, presente à reunião pública do GEP.

4 - *Muito aos poucos, senti-me no corpo (...)* Notei que os meus olhos se retomavam nas órbitas e que, em minha boca, a língua ensaiava movimentos que me demorei a coordenar. (...) meu corpo novo era o verdadeiro, aquele que modelou a minha forma que o acidente consumira. – Refere-se ao corpo espiritual (ou perispírito) e seus órgãos, que correspondem aos do corpo físico.

5 - *Vovô Manoel* – Manoel Troyano Cabrera, avô paterno, desencarnado em 26/8/84.

6 - *Luciene* – Luciene Gonçalez, irmã.

7 - *Rose* – Namorada.

8 - *Vovô Ana Gimenez* – Ana Cabrera Gimenez, desencarnada em 1944.

9 - *Carlos Alberto Gonçalez* - "Nasceu a 29/01/1965. Desde criança era um garoto tranquilo, obediente e estudioso. Cursou até o 2º Colegial. Tinha muitos amigos e era querido pela vizinhança. Trabalhava na Agência 199 do Bradesco, em Vila Maria." (Carta de seu pai, datada de 07/12/1987.)



SOLUCIONANDO PROBLEMAS FAMILIARES

Em recente carta a nós endereçada, D^a Iracema dos Santos, residente em São Simão, São Paulo, sintetizou os benefícios decorrentes da mensagem mediúnica, de autoria de seu esposo, nesta frase: "A carta, recebida pelo senhor Chico Xavier, deixou-me mais conformada, pois andava, até então, muito revoltada."

Um ano após sua desencarnação, Benedito Vieira dos Santos, em reunião pública de Uberaba, na noite de 19 de Julho de 1980, escreveu não só palavras de conforto e estímulo, mas abordou e equacionou vários problemas que afligiam os familiares. Assim, a opinião pública maledicente e desvirtuada; a mediunidade da filha; a enfermidade de outra filha, foram temas interessantíssimos para sua família, tratados por ele com muita elevação.